

Antes é que era bom!

Paulo Antônio de Sousa Marquês – Universidade de Sorocaba | Sorocaba | São Paulo
| Brasil | E-mail: paulomarquez.rp@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-9279-1713>



SERRES, Michel. **Antes é que era bom!** Lisboa, Portugal: Guerra & Paz, 2018. 100 p.

• e-ISSN: 2177-5788 •

Copyright @ 2019. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons – CC BY-NC-SA – Atribuição Não Comercial (<https://br.creativecommons.org/licencas/>) – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devido créditos à publicação, ao autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

O autor francês Michel Serres (1930-2019) pertenceu à geração de pensadores franceses que abordaram e discutiram os temas pelos quais a sociedade contemporânea necessitava de respostas, grupo no qual podemos citar Henri Lefebvre, Michel Foucault e Gilles Deleuze. Assim como para muitos dessa geração, as guerras e os conflitos foram preocupações recorrentes nas obras. Serres escreveu de 1968 a 2019 por volta de sessenta e cinco livros e uma centena de ensaios filosóficos, muitos traduzidos para o português.

Há outros tantos ainda por serem traduzidos, como o ensaio "R.G., HERGÉ: Georges Rémi ou René Girard?", que pode ser lido em francês na obra "*La Spirale mimétique: Dix-huit leçons sur René Girard*" (éd. Barberi, Maria Stella, Desclée de Brouwer, 2001) e no qual o último tema é exatamente a violência e o desespero de um menino de seis anos para saber se o seu personagem preferido, Tintim e seu cachorro Milou, sobreviveriam ao afogamento em um rio de piranhas, cena apresentada na história "Tintim e o ídolo Roubado" (ou "A Orelha Quebrada"), que é ambientada na América do Sul, nas fictícias repúblicas de San Theodoros e Nuevo Rico.

Nos anos 1970, Michel Serres foi professor visitante na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), a partir de 1984 lecionou na Universidade de Stanford (Califórnia, Estados Unidos) e, em 1990, foi galonado para a Academia Francesa de Letras.

Autodenominando-se alguém que dirigia seus estudos e reflexões fora da autoestrada, em 2017 publicou "*C'était mieux avant!*", cuja tradução portuguesa recebeu o título "Antes é que era bom!". A edição da editora Guerra & Paz prima pela produção e a coleção livros vermelhos faz jus à cor em que a obra é impressa com o lema de Raymond Aron: "Se só eles podem abolir o fanatismo, rezemos pelo advento dos cépticos". Bem apropriada para o conteúdo que virá.

Morto em 1º de junho de 2019, aos 88 anos, Serres ainda nos legou uma última obra – ao menos até que os escritos que talvez ele nunca publicaria venham à tona – “*Morales Espièges*” (sem tradução ainda para o português) saiu em fevereiro deste ano.

O título “Antes é que era bom!” é uma provocação que será trabalhada em 33 tópicos, entre eles temas como Caudillo, Duce, Führer, Grande Timoneiro...; Guerra e Paz; Mulheres; Machos a trabalhar; As costas camponesas, Comunicações; Vestes e dormida; Fealdade e beleza; Os média, Pequenez e Enviar. De início, o leitor fica intrigado com essa variedade de temas e assuntos, imaginando como o filósofo vai “costurar” tudo. Na contracapa, a citação escolhida dá uma amostra do que virá: “Antes, fomos guiados por Mussolini e Franco, Lénine e Esline, Mao, Pol Pot, Ceausescu... todos eles pessoas de bem, requintados especialistas em campos de extermínio, torturas, execuções sumárias, guerras, depurações”.

O alvo de Serres? Pessoas saudosistas, aqueles que consideram o edílico e o romântico de outrora como algo para retornar, repetir. Sejam valores, roupas, palavras, não importa! O que importa é olhar o passado e não o futuro. A esses ele chama de Velhos Ranzinzas, anciãos e resmungões de todas as idades.

Evidentemente, Serres mescla sua experiência octogenária entre a França e o Mundo, em um diálogo com o qual o leitor de qualquer parte pode se identificar. “Ricos e Tagarelas, convertidos em maioria, eleitores cada vez mais decisivos, desejando além do mais exibir o sucesso da sua existência, estes coléricos dizem à desempregada ou estagiária Polegarzinha que pagará durante muito tempo a vido dos aposentados: Antes é que era bom!” (p. 12). A Polegarzinha é a menina da geração atual que digita velozmente, no celular, sua mensagem ou texto usando apenas os polegares; também foi título do livro publicado em 2012.

Cada um dos 33 tópicos exemplifica essa posição reacionária de querer voltar ao passado, sequestrando o futuro, graças ao

conservadorismo e/ou ao medo de avançar sabendo que muitas respostas dadas anteriormente, não funcionam mais. Isso serve para métodos, metodologias, teorias e academias.

No tópico “Vida e Morte” (p. 30-31) Serres questiona quantas crianças seria preciso pôr no mundo para nele conservar duas ou três? Por que seria melhor? Responde o autor: “Antes os cônjuges juravam fidelidade por apenas cinco anos no momento do casamento, ao passo que hoje a estatística diz que a afirma por sessenta e cinco anos: inferno!” Isso vale para as heranças também; se nos romances franceses as personagens as recebiam com 30 anos, hoje é, no mínimo, o dobro do tempo.

“Asseio e Higiene” (p. 33), nos faz valorizar ainda mais a cultura local indígena. Serres relembra sua avó lavando as roupas brancas duas vezes por ano (p. 33-35), Primavera e Outono, momento de utilizar as cinzas do fogão depois do Inverno e da queima dos campos do Verão, talvez pelo potássio contido nas cinzas. Ou seja: as roupas de cama, lenços, camisas, camisolas, etc. eram lavados DUAS vezes por ano.

Em “Os média” (p. 64), modo como os portugueses grafam “mídia”, Serres remete à exposição universal em Paris que originou a Torre Eiffel e que seria, em seguida, desmontada. Graças à necessidade de altura para as ondas para difusão do iniciante rádio, a Torre permaneceu onde está e tornou-se símbolo de Paris e da França e, tanto o cume quanto a base, gozam de dignidade igual. Contudo, não precisamos mais de torres, temos os satélites sob nossas cabeças, sob nosso planeta e a informação está em todo lado.

“Enviar” (p. 99-100) encerra o livro com um apelo direcionado aos velhos ranzinzas e também à Polergazinha: “frente a ti, minha Polegar tão pequena, tão ligeira, tão suave que te chego a ver como um pássaro, um sopro espiritual. Ah! Se o Velho Ranzinza pudesse deixar-te em paz...”